

O líquido tátil*

DANIEL VERONESE

Tradução: André Carreira

* Esta peça estreou em português no ano de 2002, com direção de André Carreira e com os atores Heloíse Baurich Vidor (Nina), André Silveira (Exposito 1) e Olivia Camboim (Expósito 2).

Personagens

Michael Expósito, Peter Expósito e Nina Hagëken

1

NINA HAGËKEN (canta bolero Contigo en la distancia) : Micaela... **O** vocábulo-raiz *Kuan* (cão), De onde vem?

EXPÓSITO1: Não sei.

EXPÓSITO2: Eu tão pouco.

NINA HAGËKEN: Se presume que foi usado por tribos muito primitivas. *Kuan... Kuan... Kuan...* Seguramente assim chamou o primeiro homem ao primeiro cachorro. Não?

EXPÓSITO2: Pode ser

NINA HAGËKEN: E aparece também no indo-europeu *Kwon... Kwon... Kwon...* (Pausa) Escuchen esto: “Perros de los montes del Cárpatos”. La cordilheira separa Polônia de Tchecoslováquia como uma mãe a seus filhotes para que não se mordam. Estiveram por aí?

EXPÓSITO1: Não

EXPÓSITO2: Tão pouco

NINA HAGËKEN: Claro que não.

EXPÓSITO1: Para que pergunta se você sabe que não.

NINA HAGËKEN: O que acontece é que isto me faz lembrar que em numerosas línguas afro-asiáticas também se encontra o vocábulo-raiz *Kuan* mas como *Kjn*, quase impossível de pronunciar: K... J... N... Ou como *Kano, Kans, Keng* ou *Kunano*, significando sempre cão, cadela ou idéias afins como lobo, loba ou cão selvagem, cadela selvagem.

EXPÓSITO1: E isso?

NINA HAGËKEN: É informação verdadeira. Li em um matutino de grande circulação. Isso, sim. E quando pensamos na América nos encontramos com antigas línguas indígenas onde *Kuen* quer dizer raposa e *Kuan* cão. As semelhanças aparecem também em turco antigo *Kencia*, cadela. Em mongol *Keni*, cão selvagem. Em basco *Koin*, significa cães, em chinês arcaico *Khiwan*, também é cão (Longa Pausa) Bom, e em português clássico. (Pausa) Como se denomina ao cão?

EXPÓSITO2: (Longa pausa) Can.

NINA HAGËKEN: Can, sim como em espanhol. Então? (Pausa) Não vão me dizer que a palavra *Can* não se parece de maneira impressionante a *Kuan*. *Can, Kuan... Can, Kuan...*

EXPÓSITO2: Sim, na realidade sim.

NINA HAGËKEN: (A Exp2) O que acontece é que para teu irmão é difícil aceitar que as línguas com as que Shakespeare, Moliere ou Chejov escreveram suas peças descendam todas de um mesmo dialeto, dialeto que já utilizava o homem primitivo. No entanto, eu desde muito pequena, vivo atormentada por uma pergunta: Como se aproximou, me refiro à antigüidade, o primeiro cão ao primeiro homem, isto é, com que vocábulo chamou esse homem ao primeiro cão, *Kuan... Kuon... Kuen... Kjn... Kjn...?*

2

NINA HAGËKEN: (A público) *Boa noite. Antes que nada, para quem nunca me viu, eu fui uma atriz de teatro muito conhecida em outros tempos: a grande Nina Hagëken. “Nina” não é meu verdadeiro nome, é um apelido da crítica. É que durante toda minha*

carreira só interpretei personagens russos. A conversa que você viram a pouco se deveu a que temos um novo cachorro na casa: Titán Titanovich. Sim. Nós o pegamos da rua, “impulsivamente” como diz o meu marido. Este homem que vocês vêem aqui: Peter Expósito. Um apaixonado pelo teatro. Uma lembrança: quando nos casamos ele me disse, textualmente: “Nina, deixe o palco por mim. Abandone tua carreira. Seja uma estrela, mas só aqui, em casa, só para mim. E em troca eu te darei a ti...” - me chamava pelo tu porque assim se falava nas peças de teatro que ele lia naquele tempo e isso lhe parecia mais romântico -. “Te darei a ti a luz que mereças...”. Nunca ocorreu isso da luz (Pausa) Michael é o que se encontra ao seu lado. Michael é um pouco mais tímido, mas... não se pode negar que são irmãos, Não?. São quase idênticos. (Pausa) A questão é que naqueles dias em que havíamos pegado Titan, Michael tinha nos visitado e sabendo de nossos gostos nos havia trazido presentes. Deixe me ver... (Desembrulha um cachorro de pelúcia) É muito bonito. Bom acontece é que a mim me encantam os animais. E conhecendo o problema de Peter, -o vício do tabaco - trouxe um medicamento ou um líquido que supostamente o curaria do tabagismo...

EXPÓSITO1: (Desembrulhando uma garrafa que contém um líquido vermelho) Sim, um líquido que supostamente curaria o tabagismo, mas por favor, não me tratem como um doente. Não é para tanto. Todo mundo fuma.

NINA HAGËKEN: Expósito, não fique na defensiva. Veja se pelo menos mostra interesse pelo produto.

EXPÓSITO1: Não estou na defensiva. (A Exp2) Onde você conseguiu isso?

EXPÓSITO2: O que você acha? É muito fino (Pausa) É um líquido para deixar de fumar.

EXPÓSITO1: É injetável? (tenta acender um cigarro)

EXPÓSITO2: Eu te vi. Você ia acender. Não deveria fumar tanto. (A Nina) Há uma peça de teatro que ele me deu para ler: “Sobre o dano que faz o tabaco”. Autor russo. Um só personagem.

EXPÓSITO1: Sim, o monólogo de Tchekov

EXPÓSITO2: Isso, Tchekov. Você tem que ler. É muito educativa sobre o tema do tabaco.

NINA HAGËKEN: Escute o teu irmão.

EXPÓSITO1: Mas, se nota que ele não a leu, se nessa peça o personagem fala de outras coisas, de sua família que o maltrata, de sua mulher, de sua... sua vida atormentada... (tentam dar-lhe o líquido) Mas que comico é tudo isto. Na realidade não voltei a fumar. Olha... Michael... Está apagado. É que necessito ter algo entre os dedos. Estou um pouco nervoso, e isso é tudo.

NINA HAGËKEN: Se alguém necessita um cigarro, Expósito, é porque em algum momento adquiriu o vício de fumar. O cigarro é uma necessidade artificial, disso não há dúvida.

EXPÓSITO1: Você tem que entender, Nina, que ter um cachorro na casa também pode ser uma necessidade artificial.

NINA HAGËKEN: Ontem de tarde estávamos caminhando pela praça, quando apareceu um cachorro. O que fez o filhote, com toda naturalidade? Parou mexendo o rabinho na minha frente. Pedia um pouco de afeto.

EXPÓSITO1: Sim, mas pra mim, que a tinha abraçada da cintura, ele começou a rosnar.

NINA HAGËKEN: Desde o princípio você demonstrou antipatia.

EXPÓSITO1: Não fiz nada, eu juro. Tratei de que ele me visse tranqüilo. De não segregar adrenalina. Mas veio rosnando dali até que se meteu no galpãozinho. Agora o temos ali a Titán Titanovich e nem podemos...

NINA HAGËKEN: (A Exp2) Com Branquinho você também teve problemas.

EXPÓSITO2: Branquinho era o anterior?

NINA HAGËKEN: Sim. Branquinho faz umas semanas apareceu pendurado por uma corda. Ele disse que o cachorro estava só, em pé sobre uma cadeira, brincando com uma corda que estava pendurada do teto e...

EXPÓSITO1: Nina, reconheça que era Branquinho quem tinha reações agressivas comigo, eu o tratei com muito carinho, como tratei a cada animal que entrou nesta casa.

NINA HAGËKEN: Ah, sim? E com Ponche que aconteceu então?

EXPÓSITO2: (Longa pausa) Ponche era o anterior a Branquinho?

NINA HAGËKEN: Sim, Ponche estava na calçada brincando, em frente à garagem. Teu irmão tira o carro de marcha ré, sem olhar pelo espelho

EXPÓSITO1: Bem, não havia muita luz, e tinha quebrado o espelho da porta...

NINA HAGËKEN: E com Ringo? (A Exp2) Ringo era um cão muito seguro de si mesmo que gostava de caminhar pelos murros.

EXPÓSITO1: Claro, gostava de caminhar pelos murros, era lógico que um bom dia...

NINA HAGËKEN: E com Aristóteles, com Rintintim, com Lobo, com Sultão, com Totó, com Sansão, com Toby, com Urso...? (Vinheta exagerada e onírica sobre a morte dos cachorros)

EXPÓSITO1: Bem. Você tão pouco tem porque enumerar agora todos os cães que passaram por esta casa

NINA HAGËKEN: E eu? A vida inteira vou ter que me privar de ter um cachorro? Você sabe muito bem como me encantam os animais.

3

NINA HAGËKEN: (A Exp2) Você gosta de dançar? Não sabia.

EXPÓSITO1: Meu irmão é uma pessoa com muita sensibilidade nos pés e nas mãos. Mas também pode desenvolver uma sensibilidade maravilhosa, mas no couro cabeludo. Michael (Exp dança) Michael sofreu muito quando nos separaram. Ele foi mandado para a serra. Michael conte-lhe porque te mandaram para a serra. (Pausa) Conte sobre o teu probleminha. (Pausa) Vai, não tenha vergonha. Sei isso já passou.

EXPÓSITO2: Porque tinha uma espécie de rouquidão nos brônquios.

NINA HAGËKEN: Pobrezinho.

EXPÓSITO1: Mas para mim o pior. A mim me mandaram para São Pedro. Porque uma vez, assim de passagem, eu disse que gostava de jogar pedras no rio. (Se abraçam comovidos pela lembrança) Por sorte... agora... juntos outra vez (Prepararam os detalhes de seu número: os Xilomano-Xilofón. Exp.2 falha na execução)

EXPÓSITO1: Que acontece?

EXPÓSITO2: Expósito, na serra, nestes anos que estivemos separados estive pensando na possibilidade de, alguma vez, também de fazer cinema.

EXPÓSITO1: O que você disse?

EXPÓSITO2: Não sei o que você acha...

EXPÓSITO1: Como você me diz isso, Expósito? E o teatro independente? E as cooperativas? Se ser atores de teatro sempre foi nosso orgulho.

EXPÓSITO2: Bom eu não digo abandonar o teatro...

EXPÓSITO1: É que não são atividades compatíveis. E os textos? E Shakespeare...e Molière...e Tchekov? Estes textos, Expósito. Tchekov morre na moviola. Claro, quero dizer que nunca funcionou uma peça dele filmada.

NINA HAGËKEN: (A público) *Meu esposo, ficou muito traumatizado com o cinema. Quando adolescente o obrigaram a ver um filme impressionante sobre uma matança de aves de curral, com um rapaz psicótico que as perseguia com um machado. A partir deste fato não voltou a pisar uma sala de cinema e elaborou uma teoria dramática bastante fastidiosa e incoerente que, em certas ocasiões, tenta explicar.* (Pausa) Michael, no entanto, tem um espírito menos conservador, mais aberto às novas experiências artísticas. (A Exp2) Sabia Michael que em algumas culturas orientais muito ortodoxas, onde os cães tem muita importância, muita incidência em questões sociais, dar de presente um cachorro de pelúcia é tomado como uma tentativa de sedução?

EXPÓSITO2: (Pausa) Não, não o sabia

4

NINA HAGËKEN: A propósito, você sabe como teu irmão se apaixonou por mim? Nesta época em que fazia no teatro A Dama do Cachorrinho de Tchekov. Era um espetáculo extraordinário, mas como era um pouquinho longo me via forçada a fazer um intervalo. Bem, acontece que neste intervalo subia ao palco um jovem que, aproveitando o sucesso que eu tinha com a peça, fazia um número com seu cachorro. Era... como defini-lo... Expósito?

EXPÓSITO1: Uma interessante experiência visual.

NINA HAGËKEN: Uma interessante experiência visual. Muito renovadora para a época.

EXPÓSITO2: E como era?

NINA HAGËKEN: O número? (olha a Expósito1) Bem...

EXPÓSITO1: Não. Por favor. Conte agora. Já te disse que...

NINA HAGËKEN: Se colocava com seu cachorro detrás de um cortinado de papel translúcido - papel manteiga como se dizia naquela época, não sei agora- bem, e iluminados com enormes refletores realizavam esses característicos gestos de velhas atrizes de cinema amaneiradas, se dobrando sobre si, entende? Se contorcendo sobre seu próprio eixo; empregando a velha técnica dos *polichinetas*...

EXPÓSITO1: Polichinelas.

NINA HAGËKEN: Polichinelas ou como se chamem. Ele, acho, que vinha da Ucrânia ou...

EXPÓSITO1: Bulgária, era búlgaro.

NINA HAGËKEN: Bulgária, sim, não me lembro bem, mas o cão era...

EXPÓSITO1: Italiano. Era italiano, com certeza.

NINA HAGËKEN: Italiano, isso sim. Spinone Italiano. Robusto, firme, de ossos grandes. Ombros largos. Mandíbula firme. Entre os dois chegavam às vezes a encontrar umas posições que realmente... Uma experiência extraordinária.

EXPÓSITO1: Sim. Uma experiência extraordinária e sobre tudo uma novidade.

NINA HAGËKEN: Sim. A verdade é que é preciso dizer, que como toda experiência nova, não...

EXPÓSITO1: Não funcionava com qualquer tipo de público, isso você quer dizer.

NINA HAGËKEN: Não. Funcionava com qualquer tipo de público. Mas o salário que recebia era realmente de fome...

EXPÓSITO1: Sim, o salário era muito baixo, deve-se dizer. Seguramente como ocorre sempre nestes casos como ia de recheio se aproveitavam dele.

NINA HAGËKEN: Nem aparecia no cartaz do teatro. Nem tinha apoio da crítica. Não aparecia nem no programa de mão. E o pior de tudo é que lhe impediam trabalhar para outras companhias. Podem acreditar?

EXPÓSITO2: E cenografia?

NINA HAGËKEN: Nada. Não podia armar nada de cenografia.

EXPÓSITO1: Não, se virava com o pouco que tinha.

NINA HAGËKEN: Nada de luzes especiais, tão pouco. Onde caia uma luz, ali tinha que ficar. Nem pensar em música. (Pausa. Sorri) Mas... o rapaz com seu cachorro...

EXPÓSITO1: O rapaz com seu cachorro... o quê?

NINA HAGËKEN: O que?

EXPÓSITO1: Te causa tanta graça recordar algo.

NINA HAGËKEN: A você também.

EXPÓSITO1: (Gritando) Mas o que é engraçado para você?

NINA HAGËKEN: Perdão. Não sabia que...

EXPÓSITO1: Não, você me perdoe. (NINA fala ao ouvido a Exp2. Riem em cumplicidade)

EXPÓSITO1: Era bom no seu número, pela forma como você conta.

NINA HAGËKEN: No seu campo ele, e seu cão logicamente, eram insuperáveis.

EXPÓSITO1: Ah, e diga-me... o rapaz também era muito corpulento?

NINA HAGËKEN: Não. Se você sabe que não. (A Exp.2) Me pergunta para que você saiba. Seu corpo era muito pequeno, deve-se reconhecer. E suas mãos incrivelmente pequenas. As menores mãos de homem que vi na minha vida.

EXPÓSITO1: Mãos femininas quer dizer

NINA HAGËKEN: Mas que besteira. Vejamos se você entende de uma vez por todas: Quis dizer pequenas inclusive para um corpo pequeno, mas varonil. (Pausa. Fala ao ouvido a Exp2) Sorrio quando recordo porque... Na realidade era um pouco intrometido. Sempre dizia: queria estar ao seu lado toda a vida, Nina Hagëken. Gostava que o chamasse na frente de todo o mundo de “meu querido, meu querido”. E me olhava nos olhos de um modo franco e viril, como se de repente, por minha presença, uma masculinidade adormecida despertasse em suas entranhas... em seu corpo... não? (Para de repente. Pausa. Vai acender um cigarro) Bom, vejo que nem posso falar de minhas coisas... (Começa a passear por detrás deles) Então? Que aconteceu? (Seu mal-estar cresce até se converter em fúria. Maldiz. Chuta a cenografia. Quebra parte da parede com um ponta-pé. Joga o cinzeiro no chão. Pausa. Se deita no chão e começa a realizar exercícios de respiração para se acalmar)

5

EXPÓSITO2: Sabia que nos Estados Unidos os atores de cinema já não podem ser obrigados a fumar se o papel não exige. Antes havia arranjos entre as companhias de tabaco e as produtoras, então os personagens fumavam sempre, sem justificativa. Agora parece que isso terminou. Claro. A que se associa o cigarro? Ao sexo, ao glamour, ao poder. Entende? Então o problema que vão ter os diretores agora é como apresentar estas emoções, estas situações tão vinculadas com o prazer sem utilizar o cigarro.

EXPÓSITO1: Puxa. Eu creio que, de alguma maneira, é um avanço para a classe. (Pausa) O líquido que você trouxe é injetável?

EXPÓSITO2: Não. Via oral. É muito simples: Você tem que agitar o vidro durante uns minutos. Logo deverá encher esta colher de sopa que vem aderida ao frasco e fazer o doente do tabagismo tomar. Cuidado. O doente não deveria ser consciente de que está tomando isso. Se aconselha, então, a hora noturna.

EXPÓSITO1: Durante a noite

EXPÓSITO2: Claro, de noite. Dar o líquido enquanto o paciente dorme. O que vai acontecer? Conseqüências imediatas: vai se produzir uma revolução estomacal acompanhada de vômitos vermelhos. O vômito vermelho será interpretado pelo fumador como...

EXPÓSITO1: Sangue?

EXPÓSITO2: Não, aí está o segredo do produto. Não é sangue. O que vai vomitar é o líquido mesmo. Ele desperta vomitando, vomita no lençol, no criado mudo, no travesseiro, tudo cheio de vermelho. O que vai dizer?: “isso é sangue, é uma secreção sanguinolenta proveniente de alguma séria ferida interna que tenho... Estou fumando muito”. Então o temor a que estas incômodas convulsões noturnas se repitam irá paulatinamente atuando de forma negativa em sua consciência até a eliminação total do vício.

EXPÓSITO1: (Nina respira profundamente. Pausa. Expósito1 abandona seu cigarro. Pausa. Toma outro cigarro. Tenta jogá-lo no ar e tomá-lo com os lábios) Em São Pedro brincava tentando manter um fichário sobre a cabeça.

EXPÓSITO2: Um fichário?

EXPÓSITO1: São livros comerciais. Grandes assim, e pesados. Com meus amigos caminhávamos ao redor da mesa da sala de jantar com o livro sobre a cabeça. Depois, uma vez que o dominávamos, começamos a caminhar mais rápido ou na ponta dos pés. E no carnaval íamos à beira do rio. (Pausa) Na realidade isso me fez bem porque me serviu para caminhar direito já adulto.

EXPÓSITO2: Eu, em um carnaval, quando vivia na casa da serra, estava brincando com uns primos no pátio e pela parede que dava para a casa da vizinha...

EXPÓSITO1: A medianeira

EXPÓSITO2: Sim, a medianeira, apareceu uma máscara. Obviamente a vizinha a sustentava com um pau desde o outro lado para que não caísse. Mas a máscara caiu do nosso lado.

EXPÓSITO1: E?

EXPÓSITO2: Nestes dias essa mulher que te contei, a quem me obrigavam a chamar de avó, me deu de presente um pintinho de cor azul. Injetavam algo para que tomassem essa cor e vendiam nas ruas. E depois a cor ia embora. Bem, no princípio muito simpático o pintinho corria pela casa. Mas, quando depois cresceu e se converteu em um frango adulto. A avó então me disse: Michael por que você não faz uma gaiola para esse pobre animal?. Eu era muito pequenino e obedeci em seguida. Fabriquei uma que ficou um pouco pequena para o animal. Pinte também. Bom, o pobre frango não podia nem caminhar na sua gaiola. A única coisa que fazia todo o santo dia era comer. Resultado: engordou tanto que chegou a não poder dar volta na gaiola. Ficou de lado. (Pausa) Um dia, a avó me disse, em voz alta, na frente da gaiola: Michael, sabe o que vou fazer amanhã?. Não, vó. O que a senhora vai fazer? Vou me levantar cedo e vou cortar o pescoço do teu frango. Como? Vou cortar o pescoço deste frango de merda e não se fala mais nisso.

EXPÓSITO1: (Longa pausa) Seria para comê-lo. (Pausa) Em geral as pessoas matam os frangos para comê-los.

EXPÓSITO2: Mas, o frango estava lá, o frango escutou tudo. (Nina respira profundamente. Pausa) Esta noite não podia dormir. Me levantei de madrugada para fazer um chá. Acendi a luz da cozinha. Sai ao pátio e vi o frango apertado na sua gaiola. Os olhos abertos pela tensão. Ele tão pouco dormia. Sabia que ia morrer no dia seguinte. (Pausa) Pus a máscara. Fiquei em frente ao frango e... (Pausa) Ninguém voltou olhar para mim como naquele dia.

EXPÓSITO1: Certamente esteve muito agradecido a você. Necessitaria levar alguma boa lembrança (Larga Pausa) Eu não sei se isto que você contou do corte de pescoço, te ocorreu ou...

EXPÓSITO2: Me ocorreu. Na casa da vó. O frango era meu. Porque?

EXPÓSITO1: Não, está bem. Não fique chateado. Acontece que uma vez vi um filme no qual acontecia algo parecido. Me lembro porque foi a última vez que fui ao cinema. Era sobre um casal, não? Era com uns animais que morriam... Na realidade era um rapaz que havia ficado psicótico, porque quando criança havia sido picado por umas galinhas, se fantasiava com uma manta e punha algo na cara, uma espécie de máscara e assassinava com um machado as aves do quintal. Uma coisa espantosa. E, além disso, muito mal filmado. Se perdia a noção de conjunto porque eram muitos planos curtos. Claro, estava filmada em estúdio. Faltavam os planos naturais, faltava o galinheiro, faltava tudo (Pausa) Bom, em síntese, ao final prendiam o rapaz. Quando tentava escapar com um furgão, pela estrada, de noite, batia em uma curva com um caminhão. Adivinha que levava o caminhão. Ovos. O que quis nos dizer o roteirista? As novas gerações são as que, de alguma maneira, vingam seus mortos e pegam o assassino. (Pausa) Pelo menos é o que eu entendi deste final. (Pausa) Não sei se você viu esse filme.

EXPÓSITO2: Não te estou falando de nenhum filme. O que te contei foi real. Foi real para o frango e para mim. Foi em uma cidade serrana. Uma madrugada. Eu ao menos estou aqui e posso contar.

EXPÓSITO1: Não, acredito, está bem. Se, você ao menos está aqui e pode contar, não? Se nota que te comoveu a lembrança e isso está muito bem, mas bem... real...?

EXPÓSITO2: Que?

EXPÓSITO1: Você me diz que foi real. E eu tenho que dizer que não sei se o conceito de realismo é utilizável no teatro. O realismo no teatro é muito distinto do realismo do cinema ou do romance.

EXPÓSITO2: Mas, de que realidade você está falando, de que literatura...?

EXPÓSITO1: Vejamos. Sempre que falamos de isso que te aconteceu, na serra, de madrugada, como uma representação teatral, não? É desde o começo uma situação não realista que você pare, com uma máscara, ante a uma gaiola com um frango. E não digo porque se trate de teu frango, por favor, não fique com raiva. A mesma coisa acontece quando umas pessoas ficam em pé num palco, enquanto outras estão sentadas olhando-as. E há autores que constituem nisto a chave de sua dramaturgia: a singularidade do fato -que nunca poderia ocorrer em uma sala de cinema, obviamente- de que certas pessoas em um palco representem algo para outras que estão ali. O interessante é como se está trabalhando nestes casos com uma dramaturgia mais vinculada a uma situação social, vincular -como é o estar em um teatro- ou a uma interpretação de essa situação vincular, que a ter que contar com um roteiro parasitário que não importa a ninguém.

6

NINA HAGËKEN: (Joga seu sapato em Exp1. Sorri) pensei melhor percebi de que estive um pouco nervosa. Fiz umas respirações e creio que vou poder seguir com o relato que interrompi.

EXPÓSITO1: Por mim tudo bem.

NINA HAGËKEN: Bem, em uma temporada, o rapaz do que falava antes, dado o escasso de seu salário, resolveu que não queria seguir trabalhando nestas condições. Assim que pediu demissão. Mas, o engraçado de tudo isto é que seu cão se negou a ir embora com ele.

EXPÓSITO1: Ficou?

NINA HAGËKEN: Sim, ficou no teatro, pobrezinho. Vou cantar. Eu cantava em russo (Canta) Assim eu cada noite terminava meu primeiro ato e ai fazíamos o intervalo onde se representava esse número com o cachorro. Bem, para minha surpresa, o canino habituado às representações, o que fazia ao escutar esses acordes? Seguiu subindo sozinho ao palco e realizava seu número como se seu companheiro não houvesse ido embora. Era impossível fazê-lo descer. Além disso, me sensibilizava esse patético espírito de luta. Assim foi que decidi incorporá-lo à minha versão de "A Dama do Cachorrinho".

EXPÓSITO1: Como? Você incorporou um cachorro ao número de Tchekov? Isso eu não sabia.

NINA HAGËKEN: Logicamente tive que fazer algumas modificações no monólogo. Mas esse não foi o maior problema. O terrível foi que, obviamente influenciado por minha presença e meus textos, o cachorro começou a mudar seu caráter. Sim, de repente caiu em uma espécie de... de lascívia quase incontrolável. Ante meus olhos, esse dócil e até romântico filhote italiano - que eu, equivocadamente, acreditava conhecer, boba de mim -, se manifestava agora como uma besta furiosa montada em uma luxúria incontrolável. Começou a trabalhar intensamente esta zona: boca, língua - o que lhe deu obviamente um ingrediente inesperado ao meu número -. As pessoas gritavam na platéia, enquanto eu, ali em cima daquele palco, temendo ser vítima de alguma mordida. Quando percebi já era tarde. Havia que se cuidar dele. (Passos rápidos e delicados, como se estivesse bailando, mas uma dança manifestamente trágica) Era o inferno o que estava presente nessa cena. Envolvido em uma terrível fascinação esse cachorro pulava em cima de mim, me adorando, fazendo-me sua. *Kjn... Kjn...* Que vergonha, Deus do Céu, que vergonha. Ao término da apresentação eu ficava em pé sobre um banquinho na rua para que me dissessem na cara tudo o que pensavam de mim: *Cadela, Kencia, Kiwan, Koin, Kjn, Kjn...* (Pausa) Sou uma cadela...? Não, não, sou Nina Hagëken. (Pausa) Oxalá pudesse descansar.

EXPÓSITO1: (Pausa) Nina, mas o que tenho que entender? Que durante teu monólogo de Tchekov, nestes relatos desenvolvidos em um tranqüilo ambiente burguês, no que reina a monotonia, o abandono e a dificuldade dos personagens para despertar à vida, você mantinha relações... íntimas com um cachorro italiano? Agora posso compreender os selvagens gritos de Titán. A tortura de tantos cachorros que decidiram se suicidar antes de ter que te compartilhar comigo. É como se houvesse ficado impregnado algo ácido entre as pernas, como se você tivesse desenvolvido algum hormônio animal que os enlouquece...

7

EXPÓSITO2: Nina, com Expósito estávamos analisando a situação e chegamos a pensar de que não é um problema tão grave.

NINA HAGËKEN: (A Exp2) Não?

EXPÓSITO1: Não. O que eu disse é que creio que teríamos que tratar de encontrar ajuda em algum especialista. Alguém que nos dê ferramentas para resolver isto. Porque assim...

NINA HAGËKEN: Tão pouco tomar tudo isso de forma muito dramática.

EXPÓSITO1: Não, claro. Sou uma pessoa moderna. Sem ir muito longe eu também fui um artista renovador em uma época.

EXPÓSITO2: Conta pra ele quando você levava coisas na cabeça.

NINA HAGËKEN: Sabe que você atuava muito bem?

EXPÓSITO1: Sim

NINA HAGËKEN: Sim, meu amor. Você necessita que eu te diga? Você parece... (A Exp2) sabe a quem se parece? Michael.

EXPÓSITO1: A quem?

NINA HAGËKEN: A um velho ator.

EXPÓSITO1: De teatro?

NINA HAGËKEN: Não, de cinema. Um que sempre representava papéis onde terminava mal. Não recordo o nome. Sempre jejuava... ou alguém batia nele ou morria...

EXPÓSITO1: Nina... sabe que de cinema eu não... Era inglês?

NINA HAGËKEN: Indiano Te conheço. Você está chateado. Você não está cooperando como prometeu ao profissional.

EXPÓSITO1: É não gosto do cinema. Gosto do teatro.

EXPÓSITO2: Perceberam? Não há muitas peças de teatro onde trabalhem cães.

EXPÓSITO1: Porque um animal não pode suportar o desenvolvimento dramático desde o princípio ao fim sobre um palco, por favor.

EXPÓSITO2: Mas filmes sim. Filmes existem aos montes.

EXPÓSITO1: Porque nos filmes... o que acontece? Usam vários cães que são parecidos. Vão trocando os cachorros de acordo com os requerimentos das cenas. Você sabe quantas cadelas Lassie havia?

EXPÓSITO2: Quantas...? Uma

EXPÓSITO1: 34.

EXPÓSITO2: (Pausa) Lassie ia na parte de trás da camioneta da família... 34? (Pausa) De repente late. O avô do menino, que era quem dirigia, freia. A mãe do menino também na cabine. Lassie desce e sem pensar se joga por um barranco ao vazio. Fiquei sem respirar. Você vai se matar, Lassie, vai se matar... (Pausa) Até que, finalmente, cai em um lago que havia abaixo, e salva a um grupo de jovens que haviam saído de excursão e estavam se afogando. Os tirava um a um da água, tomando-os da gola da camisa.

EXPÓSITO1: Bom, essa cadela que levava e trazia coisas na boca certamente que não sabia nadar bem. E a que nadava bem com certeza não atendia quando queriam que desse voltas circulares no chão o que se fizesse de morta. Sem contar as cinco ou seis que tinham que se jogar pelo precipício, porque as tomadas eram várias

EXPÓSITO2: Expósito, a imagem de Lassie caindo ao lago, a câmara filmando de baixo, desde a água, quem pode me tirar essa imagem. Eu vejo cinema. Eu hoje vejo Fitzcarraldo. Sei que morreram muitos índios de verdade nesse filme. Eu não estou de acordo com isso, mas vejo essas imagens e me emociono. E porquê?

NINA HAGËKEN: Porque é cinema.

EXPÓSITO2: E as imagens no cinema se fixam na gente de outra maneira.

EXPÓSITO1: Ah, não, não, um momento. Já percebi. Eu sei onde vai chegar isto. Vamos terminar falando de cinema. Bem, se vamos terminar falando de cinema eu devo dizer que pra mim... definitivamente... eu só poderia chegar a gostar do cinema em inglês. Nada mais. Por isso, Nina, pensei que aquele ator do qual você falava era inglês. Você nunca ia me comparar com um ator indiano.

NINA HAGËKEN: Mas, se você tem o tipo desse ator que não me lembro o nome... Esse que trabalhou no filme Gandhi.

EXPÓSITO2: Ben Kingsley

EXPÓSITO1: Ben Kingsley é inglês.

NINA HAGËKEN: Bem, mas Gandhi se filmou na Índia, com uma temática do lugar. E além disso há atores indianos muito famosos. Na Índia o cinema é uma industria muito importante. Informação de uma revista de atualidade. Se filmam cerca de 600 filmes por ano na Índia.

EXPÓSITO1: O que isso tem a ver? Não é um problema de quantidade. Por mim na Índia podem ser filmados cem mil filmes. Que me importa isso?

NINA HAGËKEN: E porque você ofende a essa pobre gente que faz cinema na Índia. Podemos saber?

EXPÓSITO1: Não, por favor, não quero ofender a ninguém. Vejamos se nos entendemos de uma vez por todas. Eu disse que eu gostava de cinema inglês, ou não?

NINA HAGËKEN: Sim

EXPÓSITO1: Bem, também me expressei mal. Porque o que teria que haver dito, na realidade, é que eu gosto do cinema inglês são os atores, não o cinema em si.

EXPÓSITO2: (Ao mesmo tempo com Nina) E porque você gosta destes atores se são de cinema?

EXPÓSITO1: Porque se nota, sem dúvida, que a maioria passou antes pelo teatro. Nada mais.

NINA HAGËKEN: (A Exp2) Definitivamente, ele não gosta do cinema como arte.

EXPÓSITO1: É que no cinema não há atores vivos. No teatro sim. No teatro o ator sempre tem que estar ali sobre o palco ainda que não queira, salvo que o diretor marque alguma saída. No entanto...

NINA HAGËKEN: (Ao público) *A partir...*

EXPÓSITO1: Não, espere um pouco. No cinema no entanto,... que ocorre?, Vejamos... Expósito... Que acontece? (Pausa) No cinema há cortes temporais, espaciais, infelizes. Não se respeita o fio dramático. Se passa de um palco a outro, de uma época a outra com total tranqüilidade e a gente tem que aceitar assim porque sim, eh? E isso, onde já se viu? Mas, por favor. Onde estiveram os personagens enquanto não eram vistos na tela, heim? O que é tudo isso?. Assim é fácil fazer atuar a um cachorro.

NINA HAGËKEN: Bem, são gostos Expósito

8

NINA HAGËKEN: (Ao público) *A partir do momento em que meu marido soube que eu havia trabalhado com o cão insistiu em consultar a um médico. O profissional consultado, gentilmente, veio em casa e observou a Titán Titanovich desde a janela do pátio...*

EXPÓSITO1: Espere um pouco (A Exp2 que saiu de cena) O que você está fazendo, Expósito?

EXPÓSITO2: Nada. Estava pensando (Pausa) Pensava em alguma peça na que trabalhe um cão.

NINA HAGËKEN: (Ao público) *Logo me examinou e, considerou que, poderia haver ficado alguns núcleos inconscientes de comportamentos de manifestação, digamos, “atoral”, que eu permito que aflorem, segundo ele, a partir de uma necessidade muito primária, muito interna, de recordar minhas velhas épocas de glória e sucessos no espetáculo. E isso poderia estar hoje, de alguma maneira, entorpecendo minha vida afetiva*

EXPÓSITO1: Nossa vida afetiva

NINA HAGËKEN: (Ao Público) *Quero dizer, nossa vida afetiva, claro. Me aconselhou então que trabalhe para dissolvê-las, por exemplo, dispersando esta energia nociva teatralizando algumas cenas dramáticas onde trabalhem cães empregando os pulichinelas...*

EXPÓSITO1: Polichinelas...

NINA HAGËKEN: Polichinelas... o como merda se chamem.

9

O expressionismo russo (ação rápida como no cinema mudo - som em off)

Chegada a um novo espaço. O idioma utilizado é o russo. Nina reconhece o palco como próprio e distante ao mesmo tempo (com tudo o que isso implica). Os irmãos se reúnem e logo de um longo diálogo resolvem violentar a situação. Nina é colocada em transe à força. Exp1 é o encarregado de distribuir os papéis. Enquanto seu irmão vigia os sintomas de Titán Titanovich, ele interrompe suavemente a seqüência começada por Nina e seu cão de pelúcia. Nina desconfia. Observa como seu esposo tenta arrancar o cão de pelúcia de suas mãos. Exp1 canta para confundi-la. Arranca o cão e tenta ocupar seu lugar de amante. Nina grita e se sacode. A conduta observável em Titán não se modifica. Com suma tristeza Exp1 se separa de sua mulher. Ela aproveita para se lançar sobre o cão que havia ficado a um lado. Exp1 vai até a parede. Roça perigosamente sua cara contra a superfície áspera. Forte gemido de homem. Estado russo. Exp2 ocupa o lugar de seu irmão com distinto resultado. Nina se sacode violentamente. As sacudidas a submergem em um novo estado de femininidade. Começa a chover. Exp1 observa a Titan. Logo a cena de sua mulher e seu irmão. Novamente a Titan que parece haver se transformado. Não pode acreditar o que acontece. Mas acontece. Se aproxima à cena amorosa. Acaricia os cabelos de Nina. Nina fala no ouvido de seu irmão. Exp2 sorri e começa a cantarolar uma velha melodia rudsá. Exp1 se levanta. Adverte a parede quebrada por Nina em uma cena anterior e sai. Volta com um pedaço de madeira para reparar a parede avariada. Todos observam em silêncio a reparação do espaço cênico. Fumam. A chuva se apaga. Exp1 sai.

10

NINA HAGËKEN: (Ao Público) *Felizmente minha passagem pela cena fílmica russa me permitiu matar a essa cadela que eu levava dentro e me converter em uma mulher normal. Viver em harmonia. Foi um processo doloroso, como se haverá notado, mas por sorte hoje em dia posso levar uma vida afetiva sem sobressaltos. Titán melhorou*

seu comportamento. Se converteu em um cão normal. Permitiu que Peter, meu esposo, se aproxime a ele. Peter também deu mostras de amor. Em sinal de amizade e reconciliação, fabricou para ele uma linda casinha com pinus. Comprou também uns brinquedinhos importados e um lindo prato de alumínio para sua comida com os dois 'T' gravados. Além disso, se comprometeu a começar com o tratamento para deixar de fumar tomando o líquido vermelho que Micaela... (Se escuta um ruído de garrafa quebrando. Pausa)

NINA HAGËKEN: O que aconteceu?

(Entra Exp1 com sua camisa manchada de vermelho, cantarola uma melancólica canção russa)

NINA HAGËKEN: O que é esse sangue?

EXPÓSITO1: Calma. Não é nada. Não é sangue. Quebrei acidentalmente a garrafa do líquido para deixar de fumar que trouxe minha irmã. Explodiu no armarinho do banheiro. Me manchei com o líquido tratando de limpar um pouco. (Cantarola)

NINA HAGËKEN: Ah, que susto. Por um momento pensei que tudo voltava a... Não... melhor não recordar

EXPÓSITO1: (A Exp2) Vem Expósito, que tenho que te mostrar uns livros sobre teatro argentino que comprei. São muito interessantes. Há umas lâminas nas que você vai estar muito interessado (O afasta do lugar. Cantarola) Temos que tirar Nina Hagëken daqui. Titán Titanovich decidiu acabar com sua vida cortando o pescoço com um vidro de garrafa. (Cantarola. Exp2 y Nina vão se somando ao canto melancólico)

FIM